



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Arístocles de Atenas: do platonismo – o poeta e o filósofo

Por José Provetti Junior¹ (jose.provetti@ifpr.edu.br).

Resumo

Esse artigo se propõe dar início à análise crítica do pensamento do filósofo Arístocles de Atenas, vulgo Platão, dado sua relevância para a História da Filosofia e em todos os campos do pensamento, objetivando com isso proceder à divulgação da revisão interpretativa fundamentada na denominada “Nova Interpretação de Platão” veiculada pelas escolas filosóficas de Tübingen e Milão através dos filósofos e historiadores da Filosofia Krämer, Gaiser e Reale, chegada ao Brasil apenas a partir de 2004 e ainda desconhecida da maioria dos acadêmicos e simpatizantes de Filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Filosofia Antiga Grega; Platão; Platonismo;

1. É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte-Fluminense Professor Darcy Ribeiro – UENF, especialista em História, Arte e Cultura pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG, especialista em Saúde para Professores dos Ensinos Fundamental e Médio pela Universidade Federal do Paraná – UFPR, graduado e licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá – UEM. Atua como professor de Sociologia nos cursos Técnicos de Informática, Eletromecânica e Orientação Comunitária do Instituto Federal do Paraná – IFPR, na cidade de Assis Chateaubriand, e vice-coordenador do curso Técnico em Orientação Comunitária, Coordenador Geral do Grupo de pesquisas Filosofia, Ciência e Tecnologias – IFPR, docente e pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ, pesquisador do Grupo de estudos Karl R. Popper – UNIOESTE, Editor da Revista *IΦ-Sophia*: revista eletrônica de investigações filosófica, científica e tecnológica”, Coordenador do Grupo de estudos filosóficos, do Grupo de estudos sobre legislações educacionais, do Grupo de estudos sobre Filosofia da Mente e processos cognitivos, do Grupo de estudos sobre Idioma Internacional Neutro – Esperanto, do Grupo de estudos sobre religião e religiosidades, docente do curso básico de Idioma Internacional Neutro – Esperanto, Coordenador Geral do projeto de pesquisa e extensão IF-Sophia – Assis Chateaubriand, é parecerista das Revistas Espaço Acadêmico – UEM, *Acta Scientiarum*: Ciências Humanas e Sociais – UEM, da Revista Contemporânea de Educação – UFRJ, membro do Corpo Editorial da JPJ Editor, da Revista Contemporânea de Educação – UFRJ, conferencista e autor dos livros “A alma na Hélade: a origem da subjetividade Ocidental” (2011) e “O dualismo em Platão” (2014).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Novo Paradigma Interpretativo de Platão.

Resumo

Tio artikolo celas komenci kritikan analizon pri la pensado de la filozofo Aristocles, de la urbo de Atenas, vulgare konita kiel Platono, donita vian gravecon por la Filozofa Historio kaj en ĉiuj kampoj de pensado, celante, kun tio, procedi divastigadon de la interpretativa revizio, bazita sur la tiel nomata "Nova interpretado de Platono", transdonita de la filozofiaj lernejo de filozofia de Tübingen kaj Milano tra la pensado de la filozofoj kaj historiistoj Krämer, Gaiser kaj Reale, ke ĵus alveni en Brazilon en 2.004 jaro kaj ankoraŭ estas bone nekonata al plimultan de akademiulojn kaj simpatiantojn de Filozofio.

Ŝlosilvortoj: *Filozofio; Antikva Greka Filozofio; Platono; Platonismo; Nova paradigmo lego de Platono.*

Abstract

This article intends to begin a reviewing about Aristocles of Athens' thought, commonly called "Plato", owing his relevance for the History of Philosophy and in all fields of thought, aiming to disseminate it to the revision of interpretation based on so-called "New interpretation of Plato" conveyed by the philosophical schools of Tübingen and Milan by philosophers and historians of Philosophy Krämer, Gaiser and Reale just arrived in Brazil from 2004 and still unknown to most scholars and supporters of Philosophy.

KEY-WORDS: *Philosophy; Ancient Greek Philosophy; Plato; Platonism; New interpretation paradigm of Plato.*



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Introdução

Platão e sua filosofia

Arístocles de Atenas é um ilustre desconhecido da maioria da população que travou conhecimento com a Filosofia nos bancos escolares e nas universidades, a menos que a monografia de conclusão de curso seja sobre ele ou suas atividades filosóficas. A maioria dos simpatizantes de Filosofia Antiga e intelectuais no geral, apenas começam a vislumbrar de quem se fala quando há referência a seu nome popular, isto é, Platão de Atenas.

O famoso discípulo do sábio Sócrates de Atenas e mestre do macedônio Aristóteles de Estagira é rapidamente identificado quando menciona-se o termo “Platão” e/ ou “platonismo”.

Nesse artigo far-se-á uma apresentação biográfica de Arístocles e de sua produção, trazendo à discussão sua filosofia, seu sistema e propostas, bem como problematizar-se-á a questão do paradigma interpretativo de suas teses, questão algo espinhosa, porém de grave relevância, pois infere a mudança de foco interpretativo e por conseguinte, uma série de soluções que se tornaram ao longo de mais de vinte séculos pontos problemáticos de investigação a gerarem toda a ordem de críticas a Platão.

Em outra medida, esse artigo tem como objetivo promover a denominada “Nova Interpretação de Platão”, desenvolvida por filósofos e historiadores da Filosofia das Escolas de Tübingen (Krämer e Gaiser) e Milão (Reale) que resgataram as denominadas doutrinas não-escritas de Arístocles e procederam a uma acurada análise que estimulou Giovanni Reale a aderir à tese através de seu livro *Para uma nova interpretação de Platão* (2004).

Na sequência das reflexões propostas, pretende-se problematizar as pesquisas



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sobre Platão e o platonismo, levadas a efeito no Brasil nos últimos trinta anos. Ao menos as que se encontram disponíveis ao acesso público, em especial, nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Fortaleza, pois percebe-se haverem centros de pesquisa sobre o platonismo nessas localidades que elegeram certo paradigma interpretativo de Platão, a despeito das novidades investigativas do campo na Europa terem se iniciado desde a década de 1950 e a obra de Reale (2004), acima referida, ter sido publicada apenas em 2004.

O que se verifica nas Instituições de Ensino Superior (IES) das regiões supramencionadas é que há imensa resistência acadêmica em discutir as teses de Aristóteles e, em eventos de qualquer âmbito, percebe-se a esmagadora proeminência do que Krämer, Gaiser e Reale denominam de “paradigma tradicional”.

Por último, pretende-se proceder a uma análise interpretativa dos trinta e dois diálogos de Aristóteles sob o “novo paradigma” e, na medida do possível, estabelecer uma análise crítica e comparativa entre vantagens e desvantagens dos paradigmas interpretativos em questão.

Contexto histórico

Aristóteles nascera em Atenas no ano de 428-7 a. C. Sua *polis* era o centro do mundo helênico enquanto referência econômica e cultural. Por Atenas passavam helênicos de todas as procedências (considerados estrangeiros), bem como elementos de outras etnias que para lá se dirigiam a comerciar.

Na movimentada cidade-estado banqueiros, comerciantes, escravos, artesãos, bárbaros comungavam dos espaços abertos a todos e o espírito democrático era a orientação política adotada pela grande cidade sob os auspícios de Palas Atena.

Intenso intercâmbio comercial e cultural se dava em seu famoso porto, o Pireu,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

um dos elementos de diferenciação da cultura ateniense em relação às demais *polis*, pois estas, em sua maioria, mantiveram ao longo de sua história a orientação agrária enquanto predominância econômica.

Inserida como qualquer cidade-estado, nas lides tradicionais da religião helênica, Atenas tinha seu espaço cívico orientado pela filha de Zeus, Atena. Porém, a liberdade dos pais de família em normatizar e realizar os cultos doméstico e dos mortos (COULANGES, 1998), bem como a participação nos cultos dos mistérios (BURKERT, 1993) possibilitava ao cidadão, escravo e o estrangeiros uma variedade de vivências identitárias rica e inter complementares.

Tais características proporcionavam a experiência dos fatos sociais acima descritos, na elaboração do conceito prévio de individualidade e subjetividade, por meio dos personagens sociais do sábio e do herói (ROMEYER-DHERBEY, s/ d; MONDOLFO, 1970 e PROVETTI JR., 2000).

Ressalve, no entanto, que o culto cívico era reservado apenas aos homens nativos em Atenas, maiores de dezoito anos e em posse de seus direitos civis (BARKER, 1987).

O mundo helênico, impulsionado pelo ideal de *sophrosýne* ou “justa-medida” (VERNANT, 1988) e pela conseqüente geometrização de suas dimensões culturais, modificava e conflitava com a educação tradicional, poeticamente instaurada como padrão existencial por meio do modo discursivo mítico poético.

Era um tipo de palavra que possuía característica eficiente, na qual os signos não eram apenas símbolos, mas eram vivificados pelo complexo gestual produzido pelo corpo no ato da comunicação.

Esse modo de vivência linguística não guarda relação simbólica, mas, outrossim, se mostrava como um instrumento efetivante do que se expressava, conforme se vê em Vernant (1988) e Detienne (1998).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sob esse experiência social, Atenas se consolidou como um dos palcos políticos mais igualitários da Antiguidade helênica, pois sob a ação da democracia, o cidadão podia participar ativamente das decisões que interessavam à vida pública, através das assembleias, consolidando-se assim, o Direito enquanto regulação legal das inter relações travadas entre os nativos da cidade.

A busca pela simplicidade, austeridade, pela ação justa, impregnou a mentalidade pública, promovendo a justiça e a busca por constantes adequações do cidadão ao que era o bem público geral, tratando-se os comportamentos desviantes de *sphrosyne* como *hýbris*, isto é, “desmedida”, injustiça, desequilíbrio, algo repugnante a ser evitado veementemente por todos.

Pelos idos do século IV a. C., o pensamento filosófico já havia passado por uma série de desdobramentos. Tais acontecimentos, que tiveram início na escola Jônica, em Mileto, com Tales, Anaximandro e Anaxímenes, com as críticas de Xenófanes de Cólofon e de Heráclito de Éfeso, bem como o forte ascendente da escola pitagórica foi capaz de elaborar uma prática racionalista crítica e revisionista que veio a criar um novo estilo de vida.

Esse estilo existencial, inovação helênica, foi bem conceituado por Pitágoras de Samos através do neologismo “filosofia”. Esse termo, enquanto junção das palavras “amigo ou amante e “sabedoria”, como se vê em Kirk, Ravem & Schofield (1994), começara a direcionar o papel do personagem social denominado “filósofo” como um amálgama de funções sociais que passavam do xamã ao médico, em seu campo de sua abrangência.

Tal gradiente, à época, envolvia as funções do poeta, do mago, do legislador, do médico, do adivinho e a multidisciplinaridade indefinida de suas possibilidades de atuação não eram do âmbito do teórico, mas do efetivo e afetivamente empírico, a se dar no chão da *ágora* (praça pública), como se vê em Cornford (1989).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Atenas não se rendera rapidamente às implicações do exercício filosófico, que data do século VII a. C.! As primeiras experiências na *polis*, com Anaxágoras de Clazomena na assessoria política junto a Péricles e o incremento das reformas políticas que levaram a cidade-estado à democracia, tiveram como desfecho a condenação de Anaxágoras à morte. Sentença esta não cumprida devido à fuga encetada pelo pensador.

Após isso, as contantes passagens de vários sofistas como Protágoras de Abdera e Górgias de Leontinos a instruir os cidadãos nas artes da oratória e da retórica, da gramática e da política, como se vê em Romeyer-Dherbey (s/ d), mas em especial, a presença de seu filho, Sócrates, que deslocou o centro de gravidade da discussão filosófica do campos puramente físico (cosmológico) para outra dimensão da natureza (*phýsis*), a saber, o reino dos homens, como se vê em PROVETTI JR (2009, p. 39-53); Atenas enveredou através do campo filosófico atraindo-lhe o máximo de benefícios, tornando-se o mais potente centro cultural da Antiguidade Clássica possuindo várias escolas filosóficas.

Com essa influência filosófica e o desenvolvimento da escrita, Atenas avançou em larga escala quanto à reflexão sobre os problemas sociais, existenciais e epistemológicos. Em suas ruas e praça pública fazia-se que circulassem variadas correntes de pensamento, expressas, racionalmente, de modo oral e escrito.

Tal circulação de ideias implicou em variadas mudanças de comportamento do cidadão ateniense médio, que condicionaram importantes modificações nas tecnologias mentais do indivíduos.

Isso se verificou por meio de sua autopercepção, na construção de um conhecimento em torno da realidade, como se vê em Mondolfo (1970) e em Havelock (1996), rompendo com a tradição mitopoética de cunho oral, ao mesmo tempo que tomava novos rumos existenciais, epistemológicos e culturais, como se vê em Vernant (1990) e Detienne (1998).



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tais caminhos levaram o homem helênico à mudança de paradigma cognitivo que culturalmente se estabelecera durante os séculos em que predominou a tradição oral, desprovida da escrita. Com a reintrodução desta, a possibilidade da não eficiência da palavra construiu o viés de acessibilidade semiótica grafada e por conseguinte, a apropriação gradual dos efeitos da linguagem na relação epistemológica do homem em relação à *phýsis* em sua totalidade, inclusive a dimensão humana.

Na medida em que tamanhas mudanças se tornavam abrangentes na mentalidade do ateniense em particular, e do helênico enquanto produto da prominência cultural, política e militar da cidade de Atena, via-se as reações dos sacerdotes e dos poetas, guardiões dos saberes tradicionais das tribos helênicas que viram-se forçados a migrar das práticas culturais da palavra eficiente de cunho discursivo mítico para a escrita, formalizando os saberes tradicionais de Homero (1971 e 1970) e de Hesíodo (1996 e 1995), educadores dos helênicos, conforme atesta Jaeger (1995) de maneira tão intensa que segundo Detienne (1998) criou um novo gênero sob encomenda, a saber: a mitologia.

Não mais cabia na vida helênica, o herói homérico, guerreiro furioso como o lendário Aquiles, de Homero (1970), sempre belicoso e irascível. A cidade-estado precisava de homens que soubessem dominar suas paixões e comportarem-se conforme os ideais de justa-medida apregoados desde os inícios da vida políade no século VIII a. C. Nesse medida, conforme assegura Detienne (1998), as *polis* começaram a contratar poetas para formalizarem a *Iliada* (1970) e a *Odisseia* (1971) nos moldes que o Estado pudesse manter os cidadãos sobre o controle decorrente da educação.

A dessacralização do mito levando-o à mitologia implicou na passagem de paradigmas existenciais profundamente marcantes na Hélade, a saber: a) a passagem da palavra eficiente para a palavra representação; b) a mudança dos critérios de verdade da conceptibilidade para a cognoscibilidade e c) a depreciação da memória em detrimento



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do escrito; configurando-se assim, um desenraizamento daquilo que a média dos helênicos tinha como mais verídico e factual, isto é, a naturalidade da *phýsis*, implicando as dimensões dos reinos animal (inclusive o homem), mineral, vegetal, dos deuses e dos mortos, enquanto organismo vivo, interativo, degenerativo e auto iniciante, como se vê em Vernant (1990, p. 3-72), a propósito do mito das raças de Hesíodo.

Além do que trata da especificidade das mudanças culturais inerentes à reintrodução da escrita e a criação da filosofia e de sua tradição racional em oposição ao mito enquanto palavra eficiente, sacralizada, Atenas se via à época envolvida com um conflito coma *polis* rival de Esparta e suas coligadas. Conflito este que levou à derrota a denominada Liga de Delos, liderada por Atenas.

Platão nasce, se desenvolve em uma rica e aristocrática família ateniense que tinha como ancestral o famoso político Sólon, um dos organizadores da democracia ateniense e um tio chamado Crítias, sofista que durante o domínio espartano participou do governo chamados “dos trinta tiranos”, o que muito influenciou a formação educacional e pretensões políticas de Aristocles.

A formação de Platão

Aristocles teve acesso ao que havia de melhor em sua época quanto a educação. Considerando-se a inexistência de instituições especificamente educacionais, isto é, escolas e congêneres, em geral, a educação se dava através de escravos cultos, preceptores contratados ou sofistas, normalmente no ambiente doméstico ou pela *polis*.

De família aristocrática, Platão foi cultivado na recitação e tradição oral de Homero (1971 e 1970), de Hesíodo (1996 e 1995) e Píndaro, poetas participantes do que hoje poder-se-ia chamar de “Currículo Básico” à época, conforme se vê em Jaeger (1995) e em Santos (2008, p. 11-28).

É importante assinalar que por “poesia” não se deve compreender a atual



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

experiência que em geral diz respeito ao enlevo estético, fantástico ou crítico. Ao contrário, era o modo ou mídia de preservação das estórias da tribo concernentes à totalidade do patrimônio cultural helênico métrica e rigorosamente musicalizada combinada ao gestual corpóreo do executor da poesia fixando às palavras a eficiência e energia da execução adicionada à musicalidade catada, normalmente acompanhada da flauta de Pã, cítara, aulos ou da lira.

Arístocles era extremamente hábil na poesia e além disso, também se mostrou adequado à formação ginástica da época, em si, vista como preparatória para a guerra, conforme se vê em Santos (2008, p. 11-28) e em Costa (Idem, p. 29-62), ganhando por duas vezes os chamados “jogos ístmicos”, promovidos em hora do deus Poseidon no istimo de Corinto, o ponto médio entre a Grécia continental e a península do Peloponeso. Tal formação, como afirma Durant (1996, p. 39) assinala que a formação de Platão fora assinalada como uma educação padrão, isto é, em que se demonstra a preocupação em se equilibrar o espírito e o corpo de maneira harmônica para o exercício da cidadania posteriormente.

Em casa, sob inspiração de seu tio, o sofista e político Crítias, Arístocles se iniciara nas reflexões filosóficas. Com Crítias Platão assimilou tendências políticas antidemocráticas e pró-espartanas, opção esta jamais ocultada em diversas de suas futuras obras filosóficas, em especial, na *República* (PLATÃO, 1980), na constituição de seu Estado ideal.

Estudou a filosofia de Heráclito de Éfeso dele buscando compreender o fluxo da *phýsis*, bem como através deste, investigou as teorias de Tales, Anaximandro e Anaxímenes de Mileto sobre a *arché* (princípio) da natureza, conforme se vê no *Timeu: ou Atlântida*, de Platão (s/ d).

Estudou a fundo as teses de Anaxágoras de Clazômena como se vê no *Fédon* (s/ d), no pensamento do qual, nutriu esperanças de compreender a dinâmica da natureza



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

quanto à ação do *noûs* (alma, mente ou inteligência) enquanto elemento ordenador do *kosmo* (harmonia da natureza).

Em oposição a Heráclito de Éfeso Platão estudou o pensamento de Parmênides de Eleia, filósofo de notória importância para a formação de Aristóteles, pois lhe proporcionaria a visão complementar da dinâmica da natureza e sugerir-lhe-ia a ascendência de um *logos* (razão, discurso) ordenador que se identificaria à posterior teoria das Ideias, como se vê no *Sofista* (PLATÃO, s/ d).

Travou conhecimento também com outros representantes mais proeminentes do movimento sofístico, como por exemplo, com Górgias de Leontinos com o qual dialogou indiretamente em alguns de seus livros sobre a questão do *Ser* de Parmênides e que por conseguinte exerceu imensa influência sobre a teoria das Ideias.

Estudou o pensamento de Protágoras de Abdera, o sofista que fez por onde merecer um diálogo específico denominado *Protágoras* (PLATÃO, 2008) com o qual debateu a tese socrática da possibilidade, acessibilidade e comunicabilidade de um conhecimento verdadeiro enquanto fenômeno gnosiológico, também fundamentando sua tese sobre a teoria das Ideias.

No entanto, a maior influência filosófica sobre Aristóteles foi a de Sócrates de Atenas, o pensador cidadão que foi capaz de sensibilizar filosófica e eticamente tantos jovens atenienses qual Platão e que muito contribuiu para a teoria do conhecimento platônica para a consolidação da teoria das Ideias enquanto possibilidade de um conhecimento verdadeiro por meio dos conceitos e suas definições. Tal convívio contou com a duração de oito anos, conforme atestam Durant (1996, p. 39) e Pastor & Ismael Quiles (1952, p. 11).

Após o episódio do processo contra Sócrates e a posterior execução de morte, como se vê na *Apologia de Sócrates* (PLATÃO, 2011) e no *Fédon* (PLATÃO, s/ d), episódio este que marcou Aristóteles profundamente contra a democracia enquanto



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

regime político injusto e manipulável pelos demagogos e sofistas, Platão decidiu empreender um projeto de construção de uma aristocracia filosófica que teria seus contornos finais em sua *República* (PLATÃO, 1980) na figura dos guardiões e na dinâmica educacional de seu Estado ideal com a sugestão do controle educacional por parte do Estado, através da educação pública.

Dado aos desgastes políticos provenientes das tentativas de defesa de Sócrates Arístocles se viu forçado a sair de Atenas e para tanto iniciou uma viagem que durou aproximadamente doze anos.

Dirigiu-se a cidade-estado de Cirene, no Egito, travando conhecimento com os sacerdotes egípcios e as tradições religiosas da sabedoria africana dos egípcios. Também se interessou pela agricultura e técnicas de irrigação empreendidas no Nilo e, em especial, pela sabedoria da terra dos faraós. De lá dirigiu-se a Magna Grécia encontrando-se com participantes da escola pitagórica, estudando as doutrinas de seu fundados, o filósofo Pitágoras de Samos, como se vê em Rezende (1996, p. 44-5).

Em seguida foi a Siracusa, cidade da Cecília e potencial inimiga da democracia ateniense, visto ser aliada de Esparta, fornecendo-lhe provisões de trigo. Nesse país conheceu Díon, cunhado do tirano da *polis* Dionísio, o Velho, com quem Platão simpatizou e tornou-se amigo. Essa relação teve frutos a ponto de encorajar Arístocles a por duas vezes tentar aplicar sua proposta de cidade ideal junto a Dionísio II, sobrinho de Díon que pouco tempo depois substituiu ao pai no governo de Siracusa.

Segundo Durant (1996, p. 40) Arístocles ainda teria ido a Judeia e travado conhecimento com os patriarcas hebreus quanto às tradições dos profetas e de lá ido às margens do Ganges onde teria conhecido as artes meditativa e mística orientais, no entanto, essas informações carecem de comprovação historiográfica.

No ano de 387 a. C. Platão retornou a Atenas aos quarenta anos de idade e uma imensa bagagem cultural e antropológica que o levou ao registro gráfico das obras de



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Sócrates de Atenas, num primeiro momento de sua obra.

Após certo amadurecimento e à descoberta do que denominou de “segunda navegação”, Aristóteles se afasta um tanto da matriz socrática e elabora, em especial, sua teoria das Ideias. Momento esse, considerado pelos especialistas como intermediário e preparatório para a fase da maturidade, observa-se Platão às voltas com o tradicional problema do movimento, de Heráclito de Éfeso e da imobilidade do mundo, de Parmênides de Eleia.

Finalmente, observa-se Aristóteles, após as duas tentativas fracassadas de implantação de sua República, na Sicília, em sua Academia, na *polis* ateniense, aprofundar suas doutrinas não escritas nos ensinamentos levados a efeito na sua escola.

Ambas as ações do filósofo são fundamentais para o entendimento dos desdobramentos que se deram ao longo da História da Filosofia e tem profundas implicações teóricas, empíricas e científicas, com repercussões expressivas na maneira de se vivenciar a Filosofia contemporaneamente, mas que no entanto, extrapolam os limites desse artigo por adentrarem as particularidades da proposta de novo paradigma interpretativo de Platão, estabelecidos pelas Escolas de Tübingen e de Milão.

Referências

BARKER, E. (*Sir.*) . **Teoria política grega** . Brasília: Universidade de Brasília – UNB, 1987.

BURKERT, W. **Religião grega na época clássica** . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CORNFORD, F. M. **Principium sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego** . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

COULANGES, F. de . **A cidade antiga** . São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DETIENNE, M. **A invenção da mitologia** . Rio de Janeiro: Livraria José Olympio,



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

1998.

DURANT, W. “Platão” *In História da filosofia* . Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1996.

HAVELOCK, E. A. **A revolução da escrita na Grécia e suas consequências culturais** . São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HESÍODO . **Os trabalhos e os dias** . São Paulo: Iluminuras, 1996.

_____ . **Teogonia** . São Paulo: Iluminuras, 1995.

HOMERO . **Odisseia** . Rio de Janeiro: Ediouro, 1971.

_____ . **Ilíada** . Rio de Janeiro: Ediouro, 1970.

ISMAEL QUILES, S. I. “*Platón*” *In* PASTOR, J. R.; ISMAEL QUILES, S. I. **Diccionario filosófico** . Buenos Aires: Gral, 1952.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego** . São Paulo: Martins Fontes, 1995.

KIKR, G. S.; REVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os filósofos pré-socráticos** . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

MONDOLFO, R. **O homem na cultura antiga: compreensão do sujeito humano na cultura antiga** . São Paulo: Mestre Jou, 1970.

PLATÃO . **Protagoras** . *Salt Lake City: Gutember Foundation*, 2008.

_____ . **Apología de Sócrates** . Buenos Aires: Weblioteca, 2011.

_____ . **República** . Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.

_____ . **Timeu** . Curitiba: Hemus, s/ d.

_____ . **Fédon** . Rio de Janeiro: Ediouro, s/ d.

_____ . **Sofista** . Rio de Janeiro: Ediouro, s/ d.

PROVETTI JR., J. “O fenômeno sofístico na Grécia clássica e a educação do cidadão” *In* CAMPOS, C. E. C. *et al* . **NEARCO: revista virtual de antiguidade** . Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos da Antiguidade – NEA – UERJ, 2009, p. 39-53, revista nº I, ano II.



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

- _____. **A alma na Grécia: a origem do indivíduo no Ocidente** . Rio de Janeiro: Monografia de conclusão do curso de Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, 2000. Disponível através do sítio http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Monografias/A_Alma_na_Grecia.pdf Consultada em 02/01/2012, às 10:00hs.
- REALE, G. **Para uma nova interpretação de Platão** . São Paulo: Loyola, 2004.
- REZENDE, A. **Curso de filosofia: para professores e alunos dos cursos de segundo grau e graduação** . Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- ROMEYER-DHERBEY, G. R. **Os sofistas** . Lisboa: Edições 70, s/ d.
- SANTOS, V. C. dos . “Mitologia grega e educação” *In* COSTA, C. J. **Fundamentos Filosóficos da Educação** . Maringá: Eduem, 2008.
- VERNANT, J.-P. **Mito e pensamento entre os gregos** . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. **As origens do pensamento grego** . Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.